

SOB O SIGNO DO PRECONCEITO: A EPILEPSIA NOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DE MAGALHÃES DE AZEREDO.

Aluna: Samantha Valério Parente Souza
Orientadora: Margarida de Souza Neves

Introdução

Este trabalho faz parte do Grupo de Pesquisa que desenvolve o Projeto *Em Defesa da sociedade? Epilepsia e Propensão ao crime no pensamento médico brasileiro.(1897-1957)*, coordenado pela Professora Margarida de Souza Neves, do Departamento de História. O subtema que desenvolvo no Projeto, diz respeito a depoimentos de pessoas com epilepsia, do final do século XIX e início do XX. Na etapa anterior do trabalho inventariei e analisei a correspondência trocada entre Machado de Assis, Mario de Alencar e Carlos Magalhães de Azeredo, três intelectuais brasileiros da virada do século XIX para o século XX, todos os três, membros da Academia Brasileira de Letras, e também diagnosticados pelos médicos da época como *epiléticos*. Na atual etapa analisei a correspondência de Magalhães de Azeredo com Machado de Assis e Mario de Alencar e seu livro de memórias, tendo como referência as alusões à epilepsia e as conotações dadas à doença.

Objetivos

O principal objetivo desta etapa do trabalho é tentar perceber de que maneira a experiência da epilepsia na vida de Magalhães de Azeredo está presente em seus escritos autobiográficos, considerando como tal tanto sua vasta correspondência privada quanto o livro de memórias que deu a público.

1. Em seu escrito autobiográfico dado a público, seu livro de *Memórias* [1], publicado em vida de Magalhães de Azeredo, implica, como em todos os livros desta natureza, na construção da *persona* de seu autor, a imagem de si mesmo que pretende consolidar e deixar para a posteridade. Neste caso, buscou-se identificar se há referências diretas ou indiretas à epilepsia neste relato.
2. A correspondência trocada com outros dois intelectuais, Machado de Assis e Mário de Alencar, como ele membros da Academia Brasileira de Letras e diagnosticados como epiléticos, foi considerada como um tipo particular de escrito autobiográfico, de natureza privada e, na intenção de seu autor, não destinada senão a seus destinatários. No caso dessas cartas, o objetivo foi verificar se nesse espaço de “*sociabilidade ‘privado’, oposto aos lugares ‘públicos’*” [2], Magalhães de Azeredo podia se manifestar de forma mais explícita sobre a doença, uma vez que escreve a seus amigos, que também partilhavam com ele a experiência da epilepsia.
3. A comparação entre as cartas e a autobiografia publicada tem por objetivo verificar as diferenças e as eventuais coincidências no que diz respeito ao que diz e ao que cala sobre o lugar ocupado pela epilepsia na sua experiência de vida.

Metodologia

A análise da correspondência de Magalhães de Azeredo foi feita a partir da perspectiva teórica proposta por Ângela de Castro Gomes no livro *Escrita de si. Escrita da História*, segundo a qual a missiva é um *espaço de sociabilidade do privado*, que por vezes pode

ganhar o status de escrito autobiográfico, ou mesmo de um tipo de diário íntimo compartilhado com o destinatário, o que faz delas um tipo de narrativa confessional, de forte marca subjetiva.

No que diz respeito à análise de sua autobiografia, o livro *Memórias*, a referência teórica é a reflexão de Philippe Lejeune sobre a autobiografia, segundo a qual esse gênero de narrativa supõe “*um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio*”, é o pacto firmado pelo autor ao assumir sua identidade, seu nome próprio e que se revela “*desde o título, é desenvolvido no preâmbulo e confirmado ao longo do texto.*”[3]

Conclusão

1. A análise das cartas [4] de Carlos Magalhães de Azeredo permite concluir que neste espaço de sociabilidade privado, a epilepsia tem lugar de destaque, sempre mencionada de forma alusiva e nunca pelo seu nome clínico. Nas cartas, Magalhães de Azeredo pode assumir perante seus iguais aquilo que diante da sociedade constitui sua face obscura, sua pertença ao mundo dos doentes, pois neste espaço os três intelectuais criaram um laço de solidariedade mútua. Por serem socialmente identificados como pertencentes ao mundo dos doentes, e neles, serem portadores de uma doença fortemente estigmatizada só entre si podem confessar seus medos e angústias com relação à epilepsia sem receio de sofrerem qualquer tipo de julgamento ou preconceitos.
2. Foi possível perceber através da análise do livro de *Memórias* de Magalhães de Azeredo que a epilepsia não tem um lugar central em sua narrativa e que no livro ele pouco alude, mesmo indiretamente à doença. Magalhães de Azeredo menciona a epilepsia de forma alusiva, através de metáforas ou passagens em que faz menção do que chama de sua melancolia, e mesmo assim essas alusões são muito poucas em um livro de 300 páginas em que o tema central é sua própria vida.
3. A conclusão sobre a comparação entre as cartas e as *Memórias* mostra, sobretudo, o peso do interdito sobre a epilepsia e, em ambos os casos ainda que com nuances significativas, o silêncio parece ser mais eloquente que as palavras. No que diz respeito ao livro de memórias, esse silêncio é praticamente absoluto, e só quem conhece a presença da epilepsia na vida do autor será capaz de identificar as mínimas alusões indiretas à doença. No caso das cartas, a experiência compartilhada da doença com esses seus dois correspondentes permite que o silêncio se esgarce, mas mesmo assim de forma discreta e sempre eufemística.

Referências

- 1 – AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto.
- 2 - GOMES, Ângela Maria de Castro (org). *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- 3 – LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- 4 – VIRGILLIO, Carmelo. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.